

“Aos que me são caros”: dedicatórias e sociabilidades entre escritores gaúchos (1900-1910)

Cássia Daiane Macedo da Silveira*

Há muitas maneiras distintas a partir das quais um historiador pode estudar a literatura. A abordagem que aqui apresento pretende observar os grupos de literatos e, conseqüentemente, a sua literatura, não a partir de suas especificidades de autoria ou suposta genialidade, talento e que tais. O que pretendo discutir não é a análise de autores e obras a partir daquilo que lhes torna únicos, os marcadores individuais de sua produção. Meu interesse, ao contrário, está naquilo que pode ser entendido como social. Do mesmo modo, especificamente no aspecto a respeito do qual versa este artigo, meu enfoque se direciona para os escritores enquanto agentes sociais, enquanto indivíduos que se integram em grupos compostos por identidades variadas, ou, nas palavras de Raymond Williams (1999, p. 140), “que têm em comum um corpo de práticas ou um *ethos* que os distinguem, ao invés de princípios ou objetivos definidos em um manifesto”.

Nem sempre, contudo, quando estudamos grupos de escritores que não expressam sua unidade por meio de manifestos, somos capazes de definir quais indivíduos os compõem. Conhecê-los, no entanto, é crucial para nos aproximarmos dos aspectos culturais que os definem, para investigarmos as bases de suas afinidades. O que tento oferecer aqui é uma forma de utilizar as ferramentas propostas pelo crítico italiano Franco Moretti (2008), quando expõe aquilo que denomina de “literatura vista de longe”: ao invés de nos atermos aos textos, ou ao *close reading*, é possível obtermos uma compreensão diferenciada da literatura produzida numa dada época por meio de recursos já largamente utilizados em outros ramos de investigação, como é o caso dos grafos, diagramas e árvores. O que esses recursos nos oferecem é a produção de uma nova fonte, a partir da qual podemos entender a literatura e o espaço de produção literária de certo local em certa época de modo mais abrangente do que seria possível analisando cada obra isoladamente. É evidente que se trata de uma escolha: a perspectiva “de longe” não necessariamente exclui ou elimina uma leitura mais próxima de certos escritores e de seus textos; ela apenas nos permite observar aspectos distintos de uma mesma realidade.

* Doutora em História, Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa. Este artigo foi produzido no âmbito de uma pesquisa de doutorado elaborada na Universidade Estadual de Campinas, financiada pela Capes.

Meu objetivo inicial com essa pesquisa, assim, foi compreender como se organizava o espaço de produção literária do Rio Grande do Sul durante a primeira década do século XX, tendo como base algumas perguntas centrais: quem publicava ficção naquele período? Por quais editoras? Em quais anos? Quais os gêneros preferidos? Havia alguma forma de organização em grupos? Quando esses indivíduos se reuniam em grupos, a que lógicas estavam obedecendo?

A pesquisa se baseou na análise de 67 obras de ficção publicadas por tipografias e casas editoras gaúchas entre os anos de 1900 e 1910, hoje localizadas nos acervos Júlio Petersen, da PUC/RS, e da Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS. Foi especialmente devido a esses dois acervos que foi possível reconstituir, ainda que parcialmente, a história literária do Rio Grande do Sul no começo do século XX. Vale ressaltar, contudo, que não se tem a expectativa de que as 67 obras localizadas constituem a totalidade daquilo que foi publicado no Rio Grande do Sul do período, ainda que se restrinja às obras de ficção; igualmente, não pretendo diminuir a importância, já bastante reconhecida, da literatura que circulava em jornais e outros tipos de periódicos, muitas vezes aquela que se tornava mais popularizada. Trata-se, mais uma vez, de uma escolha metodológica que teve por fundo testar outras possibilidades de pesquisa.

Uma vez tendo delimitado o conjunto de escritores que publicaram ficção por casas editoras gaúchas na primeira década do século XX, restava a questão de como essas obras poderiam levar aos grupos efetivamente vivenciados por aqueles autores que não deixaram, em muitos casos, outras formas de registro sobre suas amizades e inimizades intelectuais. A pergunta, em última análise, é a seguinte: como livros podem nos prestar informações sobre seus autores? Indo mais longe, como livros podem nos prestar informações a respeito das redes de relações de seus autores?

Em primeiro lugar, os livros aqui em questão eram sobretudo de poesia. Sendo uma recorrência, uma constante, a escolha pela poesia, operada pelos escritores analisados, era, portanto, social, cultural. Essa escolha nos informa um primeiro código compartilhado por aqueles sujeitos, que viviam num tempo em que, antes da ampliação do público leitor, o romance ainda não se havia popularizado (MICELI, 2001, p. 154). Era comum, além disso, que em cada

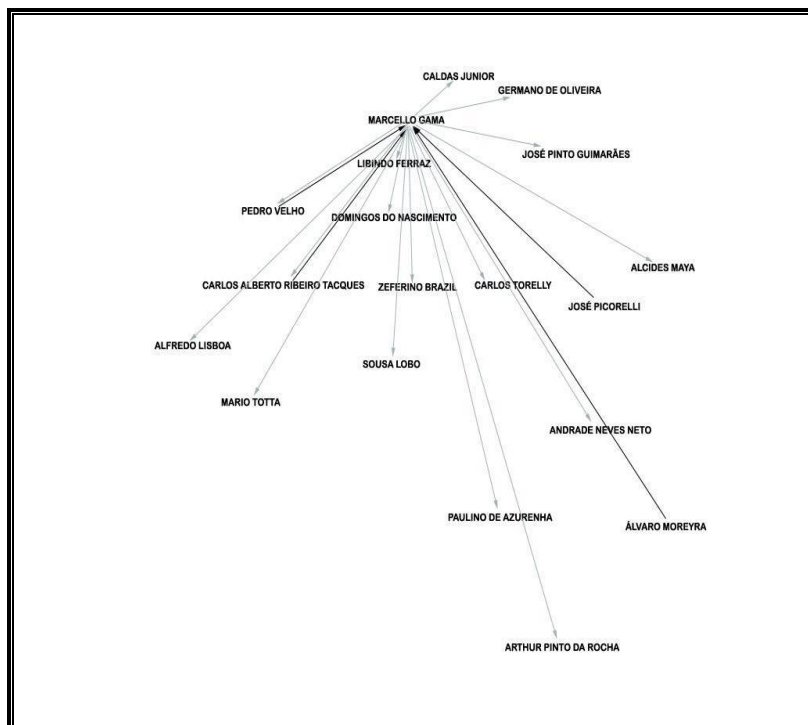
poesia se fizesse uma dedicatória a uma pessoa diferente. Isso significa que boa parte dos livros de poesia publicados naquele período constituem uma fonte única que registra os vínculos dos escritores, ao menos alguns desses vínculos: em cada volume é possível ter acesso a um conjunto de nomes, ou melhor, a um conjunto de novos indivíduos, a quem, por algum motivo, o autor decidiu dedicar seus escritos. Identificar aqueles indivíduos para quem era considerado importante dedicar poesias, contudo, não é suficiente, ainda que constitua um primeiro passo para efetivamente compreender a natureza desses vínculos. Entender a natureza dos vínculos expressos pelas dedicatórias equivale a entender o significado implícito nesses gestos: a quem se dedicava poesias? Quais as relações possíveis entre os autores e os indivíduos que figuravam entre seus homenageados? Tratava-se de elos afetivos ou expressavam algum tipo de admiração intelectual? Esses laços podem nos dar a conhecer gerações intelectuais?

A análise empreendida procurou, num primeiro momento, estruturar as redes de interlocução e sociabilidades de escritores gaúchos durante o período estudado, criando grafos utilizando o *software* Gephi 0.8 Alpha. Trata-se de um *software* livre colaborativo capaz de gerar grafos a partir de vários tipos de dados. Posteriormente, as imagens geradas foram aprimoradas no Adobe Photoshop CS, a fim de melhorar a visualização. Inseri na base de dados do Gephi as informações referentes às dedicatórias presentes em todos os 67 livros aqui analisados. Os grafos gerados são dirigidos e o sentido da seta indica quem é o autor da dedicatória e quem a recebe, partindo sempre do autor, chegando ao destinatário. Como foram utilizados muitos livros de muitos autores para gerar os grafos, várias vezes as setas podem aparecer nas duas direções, tanto do indivíduo A para o indivíduo B quanto do indivíduo B para o indivíduo A: em um ou mais casos, A dedicou poesias a B e, correlatamente, em um ou mais casos B dedicou poesias a A. Na inserção dos dados, observei duas regras gerais criadas por mim visando tornar o tipo de informação gerada pelos grafos mais homogênea e capaz de ser lida com mais segurança: a) incluí na base de dados apenas as “dedicatórias”, excluindo da análise as epígrafes assinadas por autores, cartas enviadas ou recebidas por pessoas ou associações e coisas do gênero; b) incluí na base de dados apenas homenagens de pessoa a pessoa, ficando excluídas as dedicatórias a instituições, associações, obras etc. Muito embora o programa permita outras formas de

apresentação de grafos que conduzem a frutíferos modelos de análise (a densidade das redes de cada autor, a proximidade ou distância entre cada um no grafo geral etc), optei, nesse caso específico, por melhorar a resolução gráfica das imagens apresentadas centrando-as no direcionamento e nas cores das setas. Isso cria algumas limitações no que se pode analisar, mas ainda assim fornece muitos caminhos para reflexão sobre as dedicatórias como fonte de acesso aos mundos das letras do passado. Posteriormente, é minha intenção dar seguimento a novas experiências de pesquisa baseadas nesse método, a fim de explorar mais amplamente suas possibilidades.

O resultado da inserção de dados tais quais as dedicatórias no Gephi é uma nova fonte, que precisa ser interpretada. Ela é composta pelo nome dos autores dos livros e pelos nomes dos indivíduos escolhidos para serem homenageados em cada poesia. Muitas vezes, os homenageados são, também, autores de livros, e, igualmente, dedicaram escritos a seus companheiros de ofício: como se disse, nesses casos as setas vão nas duas direções, apontando para um possível vínculo recíproco, um afeto mútuo, uma admiração compartilhada. O grafo completo, resultante de todas as relações que as dedicatórias indicam, é grande e, a uma primeira vista, confuso. É um emaranhado de nomes e setas, que muitas vezes se sobrepõem. Entretanto, aproximando o olhar a algumas de suas ramificações, analisando cada uma de suas partes em separado, é possível começar a compreender algumas das lógicas que norteiam as dedicatórias dos escritores gaúchos.

Figura 1
Rede de Marcello Gama



Com o intuito de apresentar efetivamente a análise, escolhi algumas das ramificações criadas pelo Gephi, centralizadas em autores específicos e em seus homenageados. É nesse sentido que a Figura 1 apresenta a rede de relações do escritor gaúcho Marcello Gama, criada a partir das dedicatórias constantes em seu livro *Via Sacra*, publicado no ano de 1902, na cidade de Porto Alegre, pela Tipografia de Otaviano Borba. Marcello Gama foi um dos primeiros escritores gaúchos a pensar no livro não apenas como um suporte estéril para texto, mas como um objeto estético em si. O título de seu livro procurava retratar aquilo que o autor imaginava ser a vida dos poetas, enfatizando tanto o caráter sagrado do ofício, quanto o sofrimento despendido a fim de perseverar na criação poética. Nascido Possidônio Cezimbra Machado, no ano de 1878, na cidade gaúcha de Mostardas, morreu em 1915, ao cair de um bonde no Rio de Janeiro. Em 1902 vivia ainda em Porto Alegre.

O próprio Marcello Gama aparece no centro da análise. Na representação gráfica de suas dedicatórias que aqui apresento, ele aparece rodeado por seus quinze homenageados em poesias do livro *Via Sacra*. Além dos homenageados por Gama, a representação gráfica acima também nos informa os quatro indivíduos que também dedicaram poesias a Gama em seus próprios livros. As setas em cinza claro representam o primeiro grupo, as setas pretas representam o segundo grupo. Uma das funcionalidades da produção desta fonte, portanto, é a possibilidade de visualização da relação potencial numa via de mão de dupla: quando se analisa dezenas de livros, escritos por dezenas de autores, cada volume com várias dedicatórias a pessoas diferentes, não é fácil entender a lógica que permeia o dar e receber homenagens, pois não se tem a dimensão total e diacrônica da alternância de homenagens ao longo de um certo período de tempo. São centenas de nomes diferentes, uns dedicando poesias aos outros, tornando complexa a tarefa de analisar não apenas o significado de uma tal prática, mas, mesmo, as cadeias de dedicatórias; é extremamente difícil, de outro modo, entender quem dedica a quem, quem devolve a dedicatória recebida, mas também, ao contrário, quem *não* dedica a quem. O programa é capaz de agrupar os escritores a partir de seus próprios vínculos concretos, apresentando as escolhas efetivamente operadas por esses sujeitos na intenção de homenagear alguém. Se a prática da homenagem pode ser tomada como um padrão cultural de caráter generalizante, uma vez que era compartilhada pela quase totalidade dos escritores da década estudada que publicaram poesias, a definição de quem merecia ser escolhido para receber a homenagem, ou, ao contrário, de quem não merecia, é capaz de indicar afetos e desafetos fundamentais na formação de grupos concretos de escritores. Mas em que medida as dedicatórias nas poesias expressavam, de fato, grupos concretos de escritores? Em que medida elas apontam para um elemento extratextual, para as relações que realmente existiam, para o espaço de produção literária do Rio Grande do Sul do começo do século XX? A maneira de responder a essa pergunta envolve saber quem eram as pessoas homenageadas.

No caso em questão, nove¹ dos quinze homenageados em poesias no livro *Via Sacra* colaboraram para o jornal *Correio do Povo*.² O próprio Marcello Gama foi colaborador desse periódico, o que revela o jornal como ponto de encontro primordial aos escritores da época. Além disso, oito dentre os quinze³ foram fundadores da primeira Academia Rio-grandense de Letras, de 1901. O pesquisador Ari Martins (1978, p. 574) ainda inclui Carlos Alberto Ribeiro Tacques entre os membros desta primeira fase da Academia, embora não tenha figurado como fundador. Os outros homenageados são Domingos Nascimento, poeta simbolista paranaense que chegou a publicar um livro no Rio Grande do Sul; Carlos Torelly, artista plástico; Arthur Pinto da Rocha, um dos mais importantes homens de imprensa do período; e José Pinto Guimarães, político e jornalista no Rio Grande do Sul.⁴ O que se percebe é uma clara incidência de dedicatórias aos seus próprios colegas, tanto no *Correio do Povo*, quanto na Academia Rio-grandense de Letras. Padrões semelhantes ocorreram em quase todos os casos estudados, ou seja, as dedicatórias parecem ser emitidas, sobretudo, a conhecidos, muitas vezes companheiros de ofício com quem se convivia cotidianamente. Nesse sentido, representações gráficas como a apresentada na Figura 1 também são capazes de apontar os principais *lugares de sociabilidade*⁵ dos intelectuais estudados, ao enfocar, na ausência de livros de memórias e outros registros do tipo, os locais nos quais de fato conviviam, trocavam experiências, trabalhavam e pensavam a literatura que produziam.

¹ São eles: Sousa Lobo, Mário Totta, Caldas Júnior, Pedro Velho, Zeferino Brazil, Paulino de Azureña, Alfredo Lisboa, Andrade Neves Neto e Germano de Oliveira.

² O jornal *Correio do Povo* foi fundado em Porto Alegre, no ano de 1895, por Francisco Vieira Caldas Júnior, que tencionava pôr em circulação um jornal “imparcial”, que produzisse um jornalismo moderno, sem vinculação partidária. Sob o comando da família Caldas, o periódico permaneceu até o ano de 1984, quando o filho de Francisco, Breno, o vendeu. Sob outra administração, o *Correio do Povo* circula até os dias de hoje (CALDAS, 1987).

³ Sousa Lobo, Andrade Neves Neto, Paulino de Azureña, Alfredo Lisboa, Mário Totta, Caldas Júnior, Zeferino Brazil e Alcides Maya, sem contar o próprio Marcello Gama.

⁴ Mário Totta e José Pinto Guimarães foram novamente homenageados com a dedicatória da peça *Avatar*, publicada por Marcello Gama em 1905.

⁵ O historiador francês Jean-François Sirinelli (2003, p. 248) consagrou a expressão “lugar de sociabilidade” ou “estrutura de sociabilidade”, relacionada aos locais de reunião e convívio que marcam o mundo dos intelectuais.

Como a rede ampliada que construí foi baseada em autores que publicaram por casas editoras espalhadas por todo o estado do Rio Grande do Sul, é possível ter acesso aos grupos e locais de sociabilidade que variavam conforme a região de origem ou de atuação dos escritores. O que se verificou, nesse sentido, foram grandes aglomerações por região do estado: escritores oriundos da metade sul do Rio Grande do Sul (como as cidades de Pelotas e Rio Grande, por exemplo), costumavam concentrar suas dedicatórias principalmente entre si. Isso demonstra, de certa forma, a força de laços construídos na juventude e o grande poder de aglutinação das cidades, particularmente de algumas cidades, que aparecem como centros importantes no fomento da vida intelectual do estado. Num outro momento, poderia ser oportuno observar a existência ou não de padrões literários distintos conforme a região de origem do autor, por exemplo.

Voltando à Figura 1, observa-se também outro motor das dedicatórias: a admiração por indivíduos mais experientes na arena das letras. É o caso de Álvaro Moreyra e de José Picorelli. Ambos dedicaram poesias a Marcello Gama em seus próprios livros, embora não tenham recebido o mesmo empenho da pena de Gama. Se Marcello Gama nasceu em 1878, como se disse, Moreyra e Picorelli, por sua vez, são nascidos em 1888 e 1889, respectivamente. Ainda que admitamos que as gerações são sociais e não demográficas, como vem pensando a historiografia, há que se concordar que os fatores demográficos do nascimento e da morte têm forte influência nas possibilidades de formação de grupos de companheiros, de adesão a certos preceitos estéticos e não a outros. As gerações literárias, assim, embora não possam ser resumidas a grupos pertencentes às mesmas “unidades demográficas”, contam, certamente, com esse fator importante para a sua formação. Do mesmo modo, as relações representadas graficamente aqui parecem apontar para uma coesão formada por classes de idade.⁶ Em geral, escritores iniciantes, como era o caso de Álvaro Moreyra e de José Picorelli, ainda que dedicassem poesias a autores mais experientes, com quem muitas vezes conviviam, não necessariamente recebiam de seus “mestres” um equivalente afeto, o que aponta para uma esperada hierarquia no mundo intelectual. Os mais

⁶Robert Darnton (2007, p. 25), muito embora estabeleça uma noção social de “geração”, adverte para as coincidências em termos de “classe de idade” que elas muitas vezes assumem.

jovens, e isso foi uma constante na pesquisa, no mais das vezes dedicaram aos seus grupos de escritores, igualmente mais jovens, também iniciantes nas letras; contudo, eles também se empenharam em eleger ao menos alguns dos escritores mais renomados de sua época para render homenagens poéticas. Possivelmente, isso indica ainda outros papéis para as dedicatórias: o de vinculação a certa “tradição” literária, a tentativa de se unir esteticamente a uma história estética previamente existente; e o de tentar chamar a atenção de artistas mais experientes, em muitos casos já bem colocados em jornais, a fim de, assim, operar a sua própria colocação nos espaços existentes para funções de escrita e de crítica cultural.

Essa pesquisa, assim, procurou colocar em evidência outras formas de estudar as letras por meio de uma perspectiva histórica. Sem abrir mão de uma abordagem mais “qualitativa”, procurei observar a literatura através de outras formas de representação, capazes de mostrar-nos outros aspectos do espaço de produção literária, nem sempre evidente nas fontes que chegaram até nós. Assim, as dedicatórias deixadas em poesias nos livros dos escritores gaúchos convertem-se em uma fonte privilegiada, tanto mais quando é sistematizada numa representação que unifique as homenagens recebidas e enviadas ao longo do tempo. Por meio delas, é possível ter acesso a uma série de informações que, de outra forma, talvez fossem para sempre perdidas, como é o caso de certos espaços de sociabilidade ou os grupos efetivamente formados pelos escritores. Espera-se que, no futuro, seja possível aprimorar essa metodologia, a fim de que outras interpretações acerca da história literária brasileira possam vir à tona.

Referências bibliográficas:

CALDAS, Breno. *Meio século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 574.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

WILLIAMS, Raymond. “A fração Bloomsbury”. *Plural*, Sociologia, USP, São Paulo, 6: 139-168, 1999.